

“Dia de Bonhoeffer”

Introdução

O “Dia de Bonhoeffer” foi um evento organizado pelo Departamento de Promoções Especiais da Escola Superior de Teologia e ocorreu no dia 5 de abril deste ano pela passagem dos 50 anos da morte do teólogo e pastor luterano Dietrich Bonhoeffer no campo de concentração nazista de Flössenburg, ocorrida a 9 de abril de 1945. Publicamos aqui os principais textos elaborados para aquela ocasião.

1. O “Dia de Bonhoeffer” foi aberto com um momento devocional baseado em poesias que Bonhoeffer escreveu na prisão. Publicamos a seguir o texto da devocional com as poesias de Bonhoeffer, no qual Nélio Schneider propõe uma nova versão para algumas que já estavam traduzidas e traduz as que ainda não podiam ser lidas em nossa língua.

2. Presença marcante no “Dia de Bonhoeffer” foi a de Ernesto J. Bernhoeft, biógrafo¹ e tradutor de duas obras de Bonhoeffer para o vernáculo (*Resistência e Submissão*² e *Tentação*³), que, apesar dos seus 78 anos e do mal que o acomete, acompanhou as atividades durante toda a parte da manhã. Reiteramos aqui nossa gratidão pela sua presença e aduzimos o testemunho que deu na ocasião, bem como a tradução de duas poesias suas, uma delas escrita especialmente para o dia.

3. Após o momento devocional, Walter Altmann e Albérico Baeske apresentaram uma introdução à vida e à teologia de Dietrich Bonhoeffer. Altmann destacou, num primeiro momento, alguns dados biográficos centrais de Bonhoeffer, para, num segundo momento, enfocar o seu posicionamento ético. Albérico Baeske apresentou as principais publicações do teólogo e mártir, detendo-se a seguir na sua visão de comunidade. Publicamos abaixo um esquema biográfico de Bonhoeffer, baseado nas anotações de Altmann, seguido dos textos apresentados por Baeske sobre a obra literária e a eclesiologia de Bonhoeffer.

4. No momento seguinte, deu-se oportunidade a que o público presente participasse mais ativamente do processo de reflexão em torno da vida e da teologia de Dietrich Bonhoeffer. Foram realizadas 10 oficinas que se ocuparam com os seguintes temas selecionados dos escritos de Bonhoeffer: discipulado e santificação, quem é e quem foi Jesus Cristo, resistência e submissão — a pessoa cristã e seu envolvimento político, comunhão e confissão. Não temos condições, no espaço deste artigo, de apresentar o conteúdo dos assuntos trabalhados.

5. O encerramento do “Dia de Bonhoeffer” deu-se com uma palestra pública proferida por Nélio Schneider sobre o tema “Sinais da Teologia e do Testemu-

nho de Dietrich Bonhoeffer na América Latina”, cujo texto igualmente publicamos a seguir.

Devocional do “Dia de Bonhoeffer”

Saudação inicial com o texto de 2 Tm 1.7: “Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio.”

Dietrich Bonhoeffer, pastor, teólogo e conspirador contra o 3º Reich de Hitler, irá nos guiar por este momento devocional que abre o evento “Dia de Bonhoeffer”. Sua espiritualidade profunda e engajada mostra-se nas suas poesias, surgidas no tempo em que esteve preso nos cárceres da ditadura nazista, entre os dias 5 de abril de 1943 e 9 de abril de 1945, quando foi executado no campo de concentração de Flössenburg. Convido para juntos ouvirmos em meditação e oração o seu testemunho.

Iniciamos e terminamos este devocional cantando o entrementes já conhecido “Hino de Bonhoeffer”, que consta no hinário antigo da Pastoral Popular Luterana. “Por Bons Poderes” é a última poesia de Bonhoeffer e foi dedicada à mãe e à noiva na passagem do ano de 1944 para 1945:

Por Bons Poderes⁴

1. De bons poderes sinto-me cercado,
bem protegido e bem consolado.
Assim desejo eu passar os dias
e ter convosco um ano de alegrias.

Por bons poderes muito bem guardados,
confiantes esperamos o que há de vir.
Deus está conosco sempre noite e dia;
assim é certa hoje sua alegria.
2. Ainda o antigo nos tortura
o peso de maus dias dá amargura.
Senhor, dá a nossas almas acuadas
a salvação à qual são preparadas.
3. Estende-nos o cálice amargo
da dor e o beberemos sem embargo,
porque nos vem de tuas mãos divinas.
Até com gratidão sofrer ensinas.
4. E se quiseres dar-nos alegrias
ainda sob o sol dos breves dias
então nos lembraremos do passado
e entregamo-nos ao teu cuidado.

5. Quando o silêncio se espalhar profundo
todo ao redor deste pequeno mundo
repleto de adoração ecoa
o canto que a ti teus filhos entoam.

A poesia de Bonhoeffer é essencialmente oração; o prisioneiro solitário conversa com o seu Deus. A próxima traz o título em forma de pergunta: “Quem Sou Eu?” O autor reflete sobre a sua condição diante de Deus.

Quem Sou Eu?⁵

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que saio da minha cela
tão sereno, alegre e firme
qual dono de um castelo.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
que da maneira como falo
aos guardas, tão livremente,
como amigo e com clareza
parece que esteja mandando.

Quem sou eu? Também me dizem
que suporto os dias do infortúnio
impassível, sorridente e com orgulho
como alguém que se acostumou a vencer.

Sou mesmo o que os outros dizem de mim?
Ou apenas sou o que sei de mim mesmo?
Inquieto, saudosos, doente,
como um passarinho na gaiola,
sempre lutando por ar, como se me sufocassem,
faminto de cores, de flores, às vezes de pássaros.
Sedento de palavras boas, de proximidade humana,
tremendo de ira a respeito da arbitrariedade
e ofensa mesquinha,
nervoso na espera de grandes coisas,
em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
cansado e vazio até para orar, para pensar, para produzir,
desanimado e pronto para me despedir de tudo?

Quem sou eu? Este ou aquele?
Sou hoje este e amanhã um outro?
Sou porventura tudo ao mesmo tempo?
Perante as pessoas um hipócrita?
E um covarde, miserável diante de mim mesmo?
Ou será que aquilo que ainda em mim perdura,
seja como um exército em derradeira fuga,
à vista da vitória já ganha?

Quem sou eu?
A própria pergunta nesta solidão
de mim parece pretender zombar.
Quem quer que sempre eu seja,
tu me conheces, ó meu Deus,
SOU TEU.

O ato de confessar a Deus vai além da reflexão teológica. Esta estabelece a diferença entre a pessoa religiosa e a pessoa cristã à luz de Jesus Cristo. Aquele se declara a favor do Deus que reúne, em seu agir misericordioso e perdoador, “cristãos e pagãos”.

Cristãos e Pagãos⁶

Pessoas se aproximam de Deus na sua dor
imploram por auxílio, felicidade e pão;
por salvação de doença, culpa e morte.
Assim fazem todos, todos: cristãos e pagãos.

Pessoas se aproximam de Deus na Sua dor,
acham-no pobre, insultado, sem agasalho, sem pão.
Vêm-no coberto de pecado, fraqueza e morte.
Cristãos ficam ao lado de Deus na Sua paixão.

Deus se aproxima de todas as pessoas na sua dor,
satisfaz o corpo e a alma com o seu pão,
sofre por cristãos e pagãos a morte na cruz
e a ambos concede perdão.

[Neste ponto, Ernesto Bernhoeft foi saudado e apresentou o seu testemunho; v. o texto mais adiante.]

Um ou dois dias após a notícia de que o atentado contra Hitler havia fracassado (21 ou 22 de julho de 1944), Bonhoeffer escreveu, como ele diz, “em poucas horas”, a poesia “Estações no Caminho para a Liberdade”, refletindo a experiência cristã e a sua própria na busca pela coerência da ação no caminho para a liberdade.

Estações no Caminho para a Liberdade⁷

Disciplina

Se partes em busca da liberdade, aprende primeiro
a ter disciplina para os sentidos e para a alma
a fim de não seres levado por tuas cobiças, sem rumo,
de um lado a outro. Procura ter mente e corpo castos,
bem sob teu controle e domínio e sempre obedientes,
a fim de seguirem para onde se encontra a meta.
Ninguém alcançará o segredo da liberdade,
a não ser por meio da disciplina.

Ação

Não é fazer e ousar qualquer coisa, mas o direito,
não é deter-se no possível,
mas corajosamente agarrar-se ao que é real,
não é na fuga das idéias, na ação somente
é que se encontra a liberdade.
Abandona o vacilar medroso e enfrenta
a tempestade dos acontecimentos,
carregado somente pelo mandamento de Deus e por tua fé,
e a liberdade acolherá jubilosa o teu espírito.

Sofrimento

Maravilhosa transformação. As mãos tão fortes, ativas
te foram amarradas. Impotente, na solidão, vês o fim de toda
a tua ação. Mas então respiras aliviado e depositas o direito,
tranqüilo e consolado, em mão mais forte e te dás por satisfeito.
Apenas por um instante tocaste, feliz, a liberdade e logo
a entregaste a Deus, para que ele esplendidamente a aperfeiçoe.

Morte

Agora vem, sublime festival no caminho para a liberdade eterna,
morte, derruba as incômodas algemas e os muros
de nosso corpo mortal e nossa alma embotada,
para que vejamos afinal o que aqui não nos foi permitido.
Liberdade, procuramos-te na disciplina, na ação e no sofrimento;
morrendo reconhecemos, no semblante de Deus, a ti mesma.

Por fim apresentamos a poesia “A Morte de Moisés”, com a qual Bonhoeffer dá continuidade à reflexão sobre a morte, agora mais na relação com o seu próprio povo. Moisés vê a terra prometida, mas não entra nela. Ele chega à soleira da nova realidade histórica, mas é levado para a outra dimensão da história. Moisés é a figura do profeta que enxerga adiante do que aí está, confessa a sua culpa e reconhece a do povo e intercede por ele. A poesia foi elaborada em setembro de 1944. A semelhança com a própria situação de Bonhoeffer dispensa comentários.

A Morte de Moisés⁸

Dt 34.1: E o Senhor lhe mostrou toda a terra.

No cume da montanha parado está
Moisés, o homem de Deus e profeta.

Firme está sua vista dirigida
para a terra santa, prometida.

A fim de para a morte o predispor,
do velho servo pôs-se ao lado o Senhor.

Quer nas alturas, onde a gente deve calar,
ele mesmo o futuro prometido lhe mostrar,
estende aos pés do peregrino, cansado,
a sua pátria, para que a saúde calado,
para, num último suspiro, a abençoar
e, em paz, com a morte se encontrar.

“De longe a salvação podes ver somente,
porém teu pé não há de seguir adiante!”

E os velhos olhos contemplam com demora
coisas distantes, como no surgir da aurora,
pó, moldado pela mão poderosa de Deus,
uma bacia para seu sacrifício — ora Moisés:

“Assim, Deus, cumpres o que prometeste;
para mim, nunca com tua palavra faltaste.

Sejam tuas misericórdias ou teus juízos,
nunca falharam e foram sempre precisos.

Livraste-nos da dura servidão
deitaste-nos meigo em tua mão,

vieste por deserto e ondas do mar
maravilhosamente nos guiar,

do povo o reclamo, o grito, o desplante
suportaste tempo demais, complacente.

A bondade não moveu o seu pé
às glórias do caminho da fé,

cobiça e idolatria deixaram vigorar,
em vez de do pão da graça se alimentar,

até que tua ira com peste e serpentes
no teu povo abrisse brechas ingentes.

Os futuros herdeiros da terra prometida
foram consumidos em sua rebeldia.

Na metade de sua peregrinação
indignada dizimou-os a tua mão.

Uma coisa só querias ver nos teus:
esperança firme e confiança fiel.

Mas todos os que te juraram fidelidade
e no mar dos juncos sentiram tua potestade,
voltaram seu coração para longe de ti;
a areia do deserto seus corpos cobriu.

Os que para o seu bem conduziste
tramaram contra ti revolta funesta.

Da geração antes agraciada por ti
não ficou nem um fiel e constante.

Quando os pais tinhas exterminado,
e uma nova geração havia chegado,
quando tanto os jovens como os velhos
xingavam e zombavam dos teus conselhos,

Senhor, tu sabes, nos anos adiantado,
uma palavra súbita me havia escapado.

Impaciência e pensamentos hesitantes
minha fé acabaram por tornar vacilante.

Perdoaste, é certo; mas é fogo fatal
estar diante da lealdade como desleal.

A tua presença e o teu semblante
são para o arrependido luz ofuscante.

Encravam teu pesar e tua ira forte
na minha carne o espinho da morte.

Diante da santa palavra — por ti inflamado,
para que eu a pregue — estou condenado.

Quem provou da dúvida o insípido fruto,
da mesa de Deus permanece excluído.

Do cacho maduro da terra sagrada
bebe somente a fé inabalada.

Senhor, não me deixas escapar do castigo,
mas permites que eu morra num píncaro altivo.

Tu, a quem vi outrora no vulcão tremente,
eu era o teu escolhido, íntimo confidente,

era a tua boca, a fonte de tudo o que é santo,
o teu olho para a dor do miserável e seu tormento,

o teu ouvido para o grito e sofrimento de tua gente,
o teu braço que quebrou o poder do inimigo valente,

os lombos que carregaram os debilitados
pela ira de amigo e inimigo golpeados,

o mediador do teu povo na prece justa e certa,
teu instrumento, Senhor, teu amigo e profeta.

Por isto me agracias com a morte em alto monte,
não nos lugares baixos da mesquinha gente;

com a morte do olhar desimpedido, de longo alcance,
do general que de seu povo na batalha tomou a liderança,

com o morrer que, para além de seus limites graves,
já vislumbra de novos tempos os fanais inconfundíveis.

Mesmo que seja agora pela noite da morte envolvido,
vejo, porém, de longe o teu salvamento concluído.

Terra santa, eu pude te contemplar,
bela e maravilhosa qual noiva ao casar,
virginal em seu vestido luminoso,
graça preciosa é teu adereço formoso.
Permite que estes velhos olhos em amargura
sorvam tua graciosidade e doçura.
Antes que se vão as forças desta vida,
deixa que beba mais uma vez rios de alegria.
Terra de Deus, diante de teus amplos pórticos
nos perdemos encantados em sonhos mágicos.
A bênção dos pais piedosos é brisa
que sopra forte e plena de promessa.
Vinhedo de Deus, recém pelo orvalho regado,
pesados cachos, pelo esplendor do sol coroados.
Pomar de Deus, crescendo estão teus frutos,
água límpida tuas fontes estão vertendo.
A graça de Deus numa terra libertada,
que haja aqui uma nação santa, renovada.
De Deus o direito para fracos e potentes
é atalaia contra o arbítrio e a violência.
De humanas doutrinas a verdade de Deus irá
fazer voltar um povo perdido para a fé.
Qual fortes torres a paz de Deus
protegerá cidades, casas, corações.
A paz de Deus para todo piedoso
aparecerá como um feriado ditoso.
E um povo tranqüilo, na modéstia contente,
cultivará videiras e lançará na terra a semente,
um será chamado pelo outro de irmão
nem orgulho nem inveja arderá no coração.
Pais irão a seus filhos moços ensinar
a respeitar a velhice e o sagrado honrar,
e as moças, belas, piedosas e puras,
do povo serão ornamento, orgulho e ventura.
Os que outrora comeram o pão alheio
não desassistirão por certo o estrangeiro.
Dos órfãos, das viúvas e dos pobres
se compadecerá o coração justo e nobre.
Deus, tu que entre nossos pais fizeste habitação,
faz de nossos filhos um povo de oração.

Nas grandes festas, para oferecer louvor,
o povo subirá até o santuário do Senhor.
A ti, Senhor, eles se entregarão,
a ti os hinos dos redimidos cantarão.
Grato e jubiloso, como uma só voz,
anuncia teu povo teu nome aos povos.
Grande é o mundo; o céu se estende
e observa as pessoas sempre diligentes.
Nas palavras que nos falaste ao ouvido
mostras aos povos todos o caminho da vida.
O mundo sempre irá nos seus dias pesados
perguntar por teus dez mandamentos sagrados.
Sempre haverá para o povo, por culpado que seja,
somente no teu santuário cura benfazeja.
Então, povo meu, à terra franca vai
o frescor do ar chama e atraí.
Tomai posse das montanhas e dos vales,
segui os rastros abençoados dos pais fiéis,
limpai da frente a areia quente da estrada
e respirai liberdade na terra prometida.
Acordai, é hora, não é sonho nem ilusão;
Deus fez bem ao desanimado coração.
Olhai o esplendor da terra prometida,
é toda vossa e vós estais libertos para a vida!”
No cume da montanha parado está
Moisés, o homem de Deus e profeta.
Firme está sua vista dirigida
para a terra santa, prometida.
“Assim, Deus, cumpres o que prometeste;
para mim, nunca com tua palavra faltaste.
A tua graça salva e resgata
e tua ira castiga e rejeita.
Fiel Senhor, teu servo infiel
sabe bem: sempre justo tu és.
Assim aplica hoje teu castigo,
leva-me ao sono mortal contigo.
Do cacho maduro da terra sagrada
bebe somente a fé inabalada.
Ao vacilante dá, pois, de beber o amargor
e a fé irá render a ti gratidão e louvor.

Maravilhosamente em mim agindo,
amargura em doçura transformando,
permites que eu veja através do véu da morte
este meu povo caminhando para a grande sorte.
Submergindo, Deus, em tua eternidade
meu povo vejo marchar para a liberdade.
Tu que castigas o pecado e de coração perdoas,
ó Deus, como amei deste povo as pessoas.
Sua vergonha e seus fardos ter carregado
e visto sua salvação — isto me tem bastado.
Ajuda-me, falha-me o bastão, me segura,
Deus fiel, prepara para mim a sepultura.”

As poesias de Bonhoeffer nos falam de uma confiança profunda na proteção e no acompanhamento de Deus até e justamente no sofrimento e, para além dele, na morte. É o que atestam as suas últimas palavras, já sabendo que seria morto: “*Este é o fim — para mim o começo da vida.*” A seu testemunho exemplar fazem jus as palavras bíblicas que constam na placa comemorativa em Flössenburg, perto do local do enforcamento (2 Tm 1.7): “*Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio.*”

Hino: Por Bons Poderes

Adendo:

Vozes Noturnas em Tegel⁹

Esticado na minha cama
fito a parede cinzenta.
Lá fora uma noite de verão
que não me conhece
cantando a terra adentra.
Silenciosas as ondas do dia
na praia eterna rebentam.
Dorme um pouco!
Recupera corpo e alma, cabeça e mão!
Lá fora estão povos, casas, espíritos e corações chamejantes.
Até que depois da noite cor de sangue
teu dia irrompe —
sê constante!

Noite e silêncio.
Escuto.
Só os passos e gritos dos guardas,
o riso distante, contido de um par se amando.
Nada mais ouves, dorminhoco preguiçoso?

Ouço minha própria alma tremer e balançar.
Nada mais?
Ouço, ouço,
algo como vozes, como clamores,
gritando pela tábua que os irá salvar,
os mudos pensamentos noturnos
dos companheiros de dor a velar, a sonhar.
Ouço o ranger inquieto das camas,
ouço algemas.

Ouço homens insones se torcendo e estirando,
por liberdade e atos raivosos ansiando.
Domina-os o sono só quando está alvorecendo;
então das crianças e mulheres murmuram sonhando.

Ouço o cochichar feliz de jovens rapazes
que em sonhos infantis se comprazem.
Ouço como repuxam as suas cobertas
e se escondem de quimeras incertas.

Ouço o suspiro dos velhos e sua fraca respiração,
como se preparam para a grande viagem com discrição.
Eles viram como o direito e a injustiça vêm e vão,
agora querem ver coisas eternas, sem corrupção.

Noite e silêncio,
somente os passos e gritos dos guardas.
Ouves tu como a casa silenciosa
treme, range e fica rachada,
quando a brasa de centenas de corações é inflamada?

Mudo é seu coro,
bem aberto o meu ouvido:
“Nós velhos, nós jovens,
nós filhos de todas as línguas,
nós fortes, nós fracos,
nós dorminhocos, nós vigilantes,
nós pobres, nós ricos,
na infelicidade igualados,
nós bons, nós maus,
o que quer que um dia fomos,
nós homens de muitas cicatrizes,
nós testemunhas dos que morreram,
nós teimosos e nós tímidos,
nós inocentes e nós acusados,
por longa solidão atormentados,
irmão, nós estamos te procurando, te chamando!
Irmão, estás escutando?”

Doze badaladas frias e curtas do relógio da torre
me despertam.

Nenhum som, nenhum calor da parte delas
me envolvem e ocultam.

Cães latindo raivosos à meia noite
me assustam.

Um miserável badalar
separa um pobre ontem
de um pobre amanhecer.

Se um dia para o outro se voltar,
e nada de novo encontrar, nada melhor
do que logo como o anterior acabar —
por que deveria eu me importar?

Quero a virada dos tempos presenciar,
sinais luminosos no céu noturno a brilhar,
novos sinos sobre os povos a soar
que badalam e badalam.

A cada meia-noite fico aguardando,
no fulgor terrível e estupendo,
os maus de medo se esvaindo,
os bons em alegria subsistindo.

Homem atroz,
vem para a luz,
perante o juiz.

Trapaça e traição,
má ação,
eis a punição.

Homem, fica atento,
força santa,
em juízo se levanta.

Jubilai e dizei:
Fidelidade e lei
para uma nova grei!

Céu, reconcilia
em paz e alegria
a humanidade inteira.

Terra, prospera!
Homem, te liberta,
sê livre!

Coloquei-me em pé de repente,
como se do navio a afundar avistasse terra resistente,
como se houvesse algo para pegar, agarrar,

como se visse frutos dourados a madurar.
Mas para onde quer que olhasse, agarrasse e pegasse,
encontrava somente da escuridão impenetrável a massa.

Começo a cismar.

Desço até o fundo da escuridão.

Tu, noite cheia de blasfêmia e mal,
revela-te à minha visão!

Por que e até quando a nossa paciência dissipa?

Silêncio longo e profundo;

então ouço a noite para mim se inclinando:

eu não sou tenebrosa, tenebrosa é a culpa.

A culpa! Ouço algo tremer e se abalar,
um murmúrio, um clamor se levantar,
ouço homens em espírito se encolerizar,
incontáveis vozes numa confusão sem par,
um coro mudo

atinge de Deus o ouvido:

“Por pessoas perseguidos e caçados
inutilizados e processados,
fardos insuportáveis carregando,
nós é que estamos acusando.

“Acusamos quem no pecado nos lançou
e culpados junto com os demais nos tornou,
quem testemunhas de injustiça nos fez,
para desprezar o culpado de uma vez.

“Nosso olhar viu a iniquidade
e nos lançou em profunda culpabilidade;
então nossa boca eles taparam
e num cão mudo nos transformaram.

“Aprendemos por pouca coisa a mentir,
diante da franca injustiça de joelhos cair.
Quando a violência ao indefeso se fazia,
nossa vista ficava fria.

“E o que ardia em nosso coração
era silenciado e ficava sem menção.
Abafávamos o sangue quente
e reprimíamos o braseiro ardente.

“O que antes para as pessoas era sagrado
foi despedaçado e dilacerado.
Amizade e fidelidade foram traídas,
lágrimas e contrição escarnecidas.

“Nós, filhos de piedosas gerações,
antes do direito e da verdade os campeões,
agora desprezamos a Deus e às pessoas
e o inferno dá gargalhadas boas.

“Mas mesmo roubando-nos liberdade e apreço,
diante da gente erguemos altivos nossa cabeça.
E se nos levam a gritar de dor, diante da gente
nós mesmos nos declaramos inocentes!

“Calmos e firmes a barra enfrentamos,
como acusados somos nós que acusamos.

“Diante de ti somente, criador de todo ser,
diante de ti pecado podemos ter.

“Com medo de sofrer e pobres no agir,
diante das pessoas preferimos te trair.

“Vimos a mentira erguer a cabeça altiva
e não demos à verdade a honra devida.

“Vimos irmãos em grande necessidade,
e só a nossa morte tememos de verdade.

“Diante de ti como homens comparecemos,
confessando os pecados que cometemos.

“Senhor, passados estes dias de turbulência,
agracia-nos com tempos de constância!

“Permite que após tanta desventura
vejamos o despontar de nova aurora.

“Faz com que até onde a vista alcança
caminhos à tua palavra avancem.

“Com tranquilidade queremos nos preparar,
para quando a novos tempos fores nos chamar,

“até tempestade e ondas acalmares
e por tua vontade milagres fizeres.

“Irmão, até que a noite chegue ao fim,
ora por mim!”

A primeira luz da manhã se insinua pela minha janela
pálida e cinzenta,
uma leve brisa roça a minha testa
morna e tépida.

“Um dia de verão!” é só o que digo. “Um belo dia de verão!”
O que trará em sua mão?

Escuto então lá fora passos contidos e apressados.

Perto de mim de repente ficam parados.
Frio e calor tomam conta de mim,
eu sei o que é, eu sei sim!
Uma voz abafada lê algo em tom frio e cortante.
Agüenta firme, irmão, num instante se consumará,
um instante, só um instante!
Corajoso e com passos altivos te escuto caminhar.
Não é mais o presente momento que vês,
vês futuros tempos raiar.
Eu te acompanho, irmão, àquele lugar fatal
e te ouço dizer a palavra final:
“Irmão, quando para mim o sol empalidecer,
vai tu por mim viver!”

Esticado na minha cama
fito a parede cinzenta.
Lá fora uma manhã de verão
que ainda não é minha
cantando a terra adentra.
Irmão, até que depois da longa noite
nosso dia irrompa,
sejamos constantes!

Testemunho de Ernesto J. Bernhoeft¹⁰

Motivos raciais e políticos me obrigaram a emigrar para o Brasil, aonde meus pais já me haviam antecedido. Tivera eu, nos últimos anos que passei ainda na Alemanha para terminar meus estudos no curso secundário, algum contato com a Igreja Confessante, mas mais no âmbito de minha terra natal. Que eu tomasse um melhor conhecimento do movimento da resistência só se deu quando já estabelecido no Brasil. Fora convidado para lecionar por um semestre no Ginásio para Rapazes em Emden (Ostfriesland), exatamente no ano em que o presidente da República Federal (o primeiro, por sinal), Theodor Heuss, viria para inaugurar festivamente aquele educandário. Naquela ocasião eu ainda não sabia que o presidente Heuss também era um ferrenho adversário do nazismo. Numa livraria eu encontrara um livreto: “Estações à Liberdade”, com um poema de Dietrich Bonhoeffer que me impressionou deveras. Comecei então a me interessar mais pela luta contra Hitler. Adquiri alguns livros. De volta ao Brasil, após a experiência em Emden, em São Paulo, onde passei uma semana assistindo a reuniões e conferências teológicas, descobri na Casa de Santa Hilda (educandário para moças) um exemplar de *Discipulado*, que haveria de me pôr em contato mais íntimo com a causa do jovem mártir.

Em Emden eu tinha tido relacionamento com parentes do pastor rebelde, um

professor do Ginásio, Prof. Lüth, me introduziria no círculo mais estreito e, assim sendo, consegui contato com o Prof. Bethge, amigo íntimo de Dietrich Bonhoeffer, sendo convidado pelo mesmo a ir a Neuwied, onde ele residia, para participar de uns dias de conferências e debates. Eu mesmo fiz uma palestra sobre a situação da Igreja no Brasil, e passei uma noite musical inesquecível no círculo familiar dos Bethge. Daí em diante, pela editora Kaiser, acabei recebendo uma coleção completa das obras de Bonhoeffer. Isto me estimulou a pensar em traduzir alguma coisa para o português, sendo escolhido o volume de cartas escritas na prisão: *Resistência e Submissão*, bem como mais tarde *Tentação*. Escrevi ainda uma biografia, publicada pela Editora Batista do Rio de Janeiro. Mais tarde fiz conferências (seis) sobre a *Ética*.

Minha ocupação profissional como pastor e professor não me permitiu mais tempo para continuar os trabalhos de tradução. Mas continuei os contatos, inclusive em viagens à Alemanha, com o grupo e a teologia de Bonhoeffer.

Discipulado foi o livro que tornou o jovem teólogo conhecido. Isto aconteceu ainda antes de Hitler assumir o poder. Desde o início, Bonhoeffer colocou-se contra a crescente ideologia dos nacional-socialistas, e isto já se tornara evidente em todas as suas publicações. Aliás, toda a família, tão tradicional, desde logo assumiu tal posição. Tanto mais se aprofundava em Bonhoeffer sua fidelidade a Cristo, e ele transmitia em seus livros, publicações e artigos o verdadeiro cristianismo, nos quais também chegava a impressionantes conclusões teológicas. Uma expressão que costumava usar sempre, tornou-a bem conhecida, usando-a como título para o seu primeiro livro: *Discipulado*. Esta palavra tornou-se qual uma senha para ele, e, de acordo com os conhecimentos que nos são dados nesta obra, o jovem teólogo e futuro mártir a viveu até o fim de sua vida. Por longo tempo esta obra permaneceu como o depoimento da força criadora do inesquecível teólogo.

Mas nem todos os teólogos da Igreja Evangélica concordavam com Bonhoeffer. Muitas expressões foram interpretadas erroneamente ou sequer foram entendidas. Afirmavam até que suas obras nada traziam de novo. Para muitos, Bonhoeffer era muito jovem e por demais revolucionário ou radical. O discipulado que Bonhoeffer exigia era considerado ousado demais.

Realmente, as idéias de Bonhoeffer eram muito avançadas e talvez um tanto estranhas, mas é inegável que elas sacudiram muitas pessoas. *Discipulado* permanece até hoje um livro que merece ser lido. Não necessitamos neste momento nos aprofundar no significado das idéias de Bonhoeffer, nós conhecemos os seus propósitos.

Resistência — Chegamos à segunda fase de sua evolução. E é neste âmbito que existe forte polêmica. Bonhoeffer, em determinada fase de sua vida, provavelmente sob a influência de membros de sua família, colocou-se do lado dos adversários declarados do nazismo, tornando-se no verdadeiro sentido da palavra candidato a autor de atentado. Isto, na tradição prussiana ou alemã, era algo inconcebível. Foram as mais diversas circunstâncias que impeliram para isto. O

número dos que se entregavam à resistência crescia dia a dia, já que o horror nazista se tornara tão assustador para ser aceito pelo cidadão normal. No entanto, vários membros da família Bonhoeffer estavam perfeitamente cientes da extensão de todos os crimes que estavam sendo cometidos. Havia aí, em primeiro lugar, os judeus, aos quais nada foi poupado, mas também alemães por motivos os mais diversos, ciganos, excepcionais e estrangeiros. Nada mais segurou Bonhoeffer e ele se colocou do lado dos perseguidos, o que lhe trouxe muitos inimigos, e eles existem até os dias atuais.

Submissão — Com a decisão de se integrar ao grupo dos adversários declarados do regime, Bonhoeffer deu o passo decisivo ao encontro da morte. Foi o reconhecimento do destino feito com toda a humildade e coragem, foi o momento da submissão junto aos companheiros da resistência aberta. Não que já não pudesse escapar ao cerco dos inimigos. Houve ainda muitas ocasiões de fugir da perseguição, conforme os amigos lhe proporcionaram. Quando atendeu o convite de proferir palestras e conferências teológicas nos EEUU, teria sido fácil atender os conselhos dos que desejavam salvá-lo, e mesmo no último período de sua vida, na prisão, não faltaram oportunidades de sair das malhas dos inimigos ferrenhos. Os documentos achados após o frustrado atentado de 20 de julho traziam o seu nome em destaque, mas havia personalidades influentes na Alemanha e no exterior que tudo fizeram para possibilitar sua fuga, até o último instante. Ele, porém, julgou tudo isso uma tentação para um ato de traição e covardia, diante do destino de tantos outros que assumiram o martírio como único passo decente naquela situação. E foi nesta atitude que ele se redimiou de qualquer ato condenável contra seus algozes e os algozes da nobre causa da resistência armada. Dobrou-se ao destino que ele mesmo escolhera, cerrando fileiras com as vítimas da fúria de Hitler. E, assim sendo, tudo mais que se registrou nas atitudes de Dietrich Bonhoeffer nos últimos dias de sua vida tornou perfeitamente aceitáveis os passos anteriores no sentido da resistência aberta e violenta. As cartas do período final da vida de Dietrich Bonhoeffer revelam a conscienciosa volta do jovem mártir, dentro do espírito cristão indubitável que se apossara dele no caminho da aproximação ao desfecho final de seu testemunho. É difícil imaginarmos hoje um Dietrich Bonhoeffer tendo podido escapar à condenação para enfrentar o mundo de então, saturado do sangue dos companheiros de infortúnio, com comentários e conclusões teológicas satisfatórias e autênticas. Pairariam dúvidas sobre tudo mais que ele ainda pudesse declarar ou testemunhar. E, assim sendo, damos graças a Deus pelo Dietrich Bonhoeffer que nos é apresentado pelo depoimento dos que aceitam o seu testemunho dentro desta revelação tripla: *discipulado — resistência — submissão*.

Após uma interrupção de minha participação na pesquisa sobre Bonhoeffer, voltei a contribuir novamente através de uma assídua correspondência com o pastor Paul Gerhard Schoenborn, de Wuppertal, cujo grupo trabalha sob o tema: Bonhoeffer na América Latina. É verdade que nem sempre as opiniões daquele grupo coincidem com as minhas. A troca de cartas foi numerosa e frutífera, e continua.

Poesias de Bernhoeft¹¹:

Mártir contra a Vontade

(Pelo 50º aniversário da morte de Dietrich Bonhoeffer
— 9 de abril de 1945)

Voluntariamente tomaste sobre ti o sofrimento,
não fugiste de qualquer dor ou tortura,
quando te foram impostas pelo mundo.
Não era teu objetivo tornar-te um mártir
e aqui na terra viveste no ensino autêntico.
Por ele lutaste,
por ele sofreste,
fiel permaneceste,
e em meio a pesada tentação agüentaste a mão,
pois zelar pela verdade de Deus somente
decerto tinhas por convicção.
Tomaste sobre ti medo e temor
e o que te propuseste fazer
somente a eternidade poderia um dia completar.
Perseguição e incompreensão não evitaste
e convicto de tua tarefa
paz interior encontraste.
Na luta pela “graça cara” te empenhaste
e isto de modo bem consciente
por maior que fosse o dano,
porque assim também Cristo havia sofrido,
em dúvidas, mas seguro na consciência,
sempre prestativo,
em compadecer-se de outros.
Aí aprendeste a discernir
o que significa de fato sofrer.
Como testemunha de Cristo fiel foi teu testemunho;
como te doía a incompreensão!
Estar aí para outros: este era teu lema,
e assim junto com o teu destino
ofertaste tua vida a outros,
ali onde muitos nunca te compreenderam.
Por causa de tua própria decisão tiveste de morrer,
por outros. Mas sê consolado,
junto contigo sofre **ALGUÉM**,
e o sofrimento de Deus por nós, conosco,
dá ao nosso sofrimento novo valor e sentido,
dá-nos a vitória, um ganho real.
É o cumprimento de todo anseio, de toda esperança

se realiza em definitivo,
com a superação de toda dor, de todo sofrimento,
com o vivenciar da felicidade plena,
na cruz do Salvador uma vez para sempre.

A Última Prédica de Bonhoeffer

(Ernesto J. Bernhoeft, 28 de junho de 1993)

Ali estava ele parado na neblina fria da manhã,
abandonado,
um pouco impaciente já.
Uma última dúvida!
Não seria inútil e vã
este sacrifício de sua jovem vida?
Ele teria ainda tanto a dizer,
a interpretar, a provar. — Sentiu frio. —
Seria realmente inevitável?
Mesmo que não faltou oportunidade
para fugir.
Sempre havia amigos prontos.
Não foi a sentença de seus inimigos
uma decisão sua bem pessoal,
a de estar ali parado?
Só mais este instante,
ele não podia falhar agora!
E então foi atingido como que por um derradeiro raio de sol,
claro e ofuscante.
Ainda uma última dor, curta e lancinante,
surpreendente.
E com o brilhar do novo dia,
cumpru-se a PALAVRA,
a palavra na qual ele transformou em ação
o que sempre havia sido sua esperança.
Esperança que certeza haveria de se tornar
e confissão: “OBRIGADO, SENHOR.
Aguardaste, para dar-me força,
até que eu ousasse o salto para a vida.”
Ai dele, se tivesse perdido a morte,
a chave para o NOVO DIA.
E no crepúsculo matinal,
a última vivência terrena,
a morte, inundou-o
com a luz intensa da vida eterna.

Introdução à Vida e à Teologia de Bonhoeffer

Esquema Biográfico

(conforme a biografia de E. Bethge¹²)

1. Infância e Juventude:

4.2.1906: nascimento em Breslau, na Silésia, como filho caçula, irmão gêmeo de Sabine; tinha três irmãos (Karl-Friedrich, Walter, Klaus) e quatro irmãs (Ursula, Christine, Sabine e Susanne). Seu pai, Karl, era psiquiatra de renome; sua mãe, Paula, do lar. Tratava-se de uma família culta e com tradição: todos os filhos universitários e profissionais de renome (físico, botânico, jurista, teólogo). A ligação com a universidade sempre foi muito estreita; cultivavam-se a ciência e a arte. Não havia uma ligação com a Igreja.

1912: mudança para Berlim, onde o pai assumiu a cadeira de Psiquiatria e Neurologia na Universidade de Berlim; até a sua morte, em 1948, ele permaneceu sendo o psiquiatra de maior renome em Berlim. Esta cidade foi o palco do desenvolvimento de Dietrich.

1914-1918: Primeira Grande Guerra, na qual morreu o irmão Walter e foi ferido Karl-Friedrich; a dor da mãe pela morte do filho o marcou profundamente.

Depois dos anos de escola ele se decidiu, não se sabe bem por que, pelo estudo de Teologia (1923-1927); estudou em Tübingen, um semestre em Roma, Berlim (1924-1927); desenvolvimento em direção à Igreja: seminários práticos, catequeses e pregações; em 1925 prestou o primeiro serviço na comunidade de Berlim, com um grupo de crianças; no dia 1.8.1927 apresentou à Universidade de Berlim a sua tese de doutorado sobre o tema *Sanctorum Communio*.

1928: Período Prático de Habilitação ao Pastorado na comunidade alemã de Barcelona/Espanha.

1929-1930: retorno à Alemanha; tornou-se assistente de R. Seeberg e escreveu seu trabalho de habilitação para a universidade sobre o tema "Ato e Ser; Filosofia Transcendental e Ontologia na Teologia Sistemática".

1930-1931: morou em Nova Iorque e lecionou no Union Theological Seminary.

2. Docência e Pastorado:

1931: Encontro com Karl Barth em Bonn (teologia dialética); participação na Conferência Ecumênica de Cambridge e ingresso no movimento ecumênico como secretário internacional para a juventude; ordenação em Berlim.

1932-1933: docência na Universidade de Berlim; pastor de estudantes na Escola Técnica de Charlottenburg e ensino confirmatório para uma turma problemática no bairro do Wedding.

1933-1935: foi pastor da comunidade de Londres; contatos ecumênicos; início do período Hitler na Alemanha; participação na conferência ecumênica de Fanö /Dinamarca.

1935-1937: trabalhou no seminário para pregadores em Finkenwalde; escreveu *Discipulado e Vida em Comunhão*.

1938-1940: pregador assistente na Pomerânia e docente em seminários clandestinos; tomou conhecimento da conspiração contra Hitler através do seu cunhado; viajou à Inglaterra (março e abril de 1939), onde foi aconselhado a fugir da Alemanha; fuga para os EUA (junho e julho de 1939); volta imediata.

3. Conspiração Política e Prisão

1940: formulou o esboço da *Ética* (publicada mais tarde por E. Bethge); entrou em conflito com a Igreja Confessante.

1941: tomou conhecimento da tentativa de derrubar Hitler.

1942: começou a participar ativamente na conspiração contra Hitler como homem de confiança (*V-Mann*); nesta qualidade fez viagens para a Suíça, Itália e Noruega a fim estabelecer contatos ecumênicos no exterior e, através deles, influenciar as nações aliadas a suspender a guerra no caso de a conspiração obter êxito.

1943: faliu o atentado contra Hitler em 21.3; Bonhoeffer e seu cunhado foram presos como suspeitos de envolvimento; noivado com Maria von Wedemeyer.

1943-1944: encarceramento em Tegel; formulou novas questões para a teologia: a maioria do mundo, interpretação não-religiosa, disciplina arcana, e outras.

1944-1945: encarceramento no RSHA (Departamento de Segurança do Reich); novo fracasso do atentado em 20 de julho de 1944; a participação de Bonhoeffer foi provada (arquivos de Zossen); os cunhados foram condenados à morte e ele foi transportado para o campo de concentração de Buchenwald (perto de Berlim) e depois para Flössenburg, onde foi executado por enforcamento no dia 9 de abril de 1945, poucos dias antes da chegada das tropas aliadas.

A Obra Literária de Bonhoeffer — Introdução Esquemática

Albérico Baeske

Apresento aqui tão-somente os livros concluídos e publicados pelo próprio Dietrich Bonhoeffer. Importa, antes de tudo, deixar que ele mesmo fale e seguir com vagar a sua reflexão até onde e do jeito que ele mesmo a encerra. Pois, se existe um teólogo protestante que é interpretado como bem se entende e interrompido a toda hora para aplauso ou correção, então é Bonhoeffer. Lembrá-lo e agradecer por seu testemunho, hoje e aqui, significa ouvi-lo com fôlego. Para isto as informações abaixo pretendem animar.

Título: Sanctorum Communio (A Comunhão dos Santos).

Ano de publicação: 1927.

Base bíblica (interpretação meditativa): Na 2ª parte se refere a diversos textos, em especial Gn 1-3, 1 Co e Ef.

Outros autores citados: M. Lutero, R. Seeberg, E. Troeltsch, Agostinho, A. Ritschl, K. Barth.

Tema central (Jesus Cristo presente como Deus condescendente, encarnado e humano): Jesus Cristo está presente em sua comunidade (descrita e interpretada com categorias da sociologia e filosofia sociológica).

Ênfase (a) dogmática visando a prática pastoral; *b) prática* pastoral e comunitária que se dá em, sob e com conceitos dogmáticos): a) Define dogmaticamente o que vem a ser comunidade/Igreja. Esta “se fundamenta na revelação do coração de Deus (= Jesus Cristo)”.

Estruturação (conforme a tríade: Jesus Cristo — comunidade — ética integral): Jesus Cristo — comunidade (— ética). Como se relacionam na comunidade a comunhão fraterna e a sociedade onde se exerce poder. Qual a origem e o alcance do ordenamento jurídico na comunidade/Igreja.

Título: Akt und Sein (Ato e Ser).

Ano de publicação: 1931.

Base bíblica: Ao descrever a Igreja faz diversas alusões às cartas de Paulo (menos Fp e Fm).

Outros autores citados: M. Lutero, K. Barth e R. Bultmann.

Tema central: Jesus Cristo existe como comunidade (interpretação a partir da filosofia transcendentalista e existencialista).

Ênfase: b) O ser humano pergunta desesperada e inutilmente pela verdade, a

qual ele somente encontra na revelação (em Jesus Cristo) que se dá na comunidade/Igreja. A dogmática, pois, se fundamenta na comunidade.

Estruturação: Jesus Cristo — comunidade (— ética). Na comunidade/Igreja a pessoa experimenta que seu ser se abre, ganha sentido e rumo certos.

Título: *Schöpfung und Fall* (Criação e Queda).

Ano de publicação: 1934.

Base bíblica: Meditação verso por verso de Gn 1-3.

Outros autores citados: (M. Lutero), N. Herrmann (*Hinos do Povo de Deus* 145).

Tema central: Descrição do ser adamita da pessoa com referência a Zoroastro e Nietzsche. Unicamente em Cristo vê-se que tal ser é criado por Deus e destinatário da sua revelação temporal e derradeira.

Ênfase: a) Pergunta por quem é o ser humano do ponto de vista teológico. Afirma que Jesus Cristo liberta o ser humano de ser sem ou contra Deus e o coloca sob o Deus Criador e Recriador.

Estruturação: Jesus Cristo — ética. Jesus Cristo coloca a pessoa entre irmãos/ãs e em relação com a terra.

Título: *Nachfolge* (Discipulado).

Ano de publicação: 1937.

Base bíblica: Meditação quase verso por verso de Mt 5-7; 9.35-10.42.

Outros autores citados: M. Lutero, A. F. C. Vilmar, H. Kohlbrügge (neoluteranos).

Tema central: Jesus Cristo chama indivíduo e comunidade ao discipulado sob a cruz na Igreja e na sociedade.

Ênfase: b) “O conhecimento não pode ser separado da existência na qual o mesmo foi adquirido.” Chamado ao discipulado e vivência nele só acontecem na comunidade/Igreja.

Estruturação: Jesus Cristo — ética — comunidade. Cristo não quer espectadores, mas seguidores. Ele mesmo os torna conformes com ele, sob, na e através da cruz. Assim o discipulado se torna alegria e solidariedade com os sem Deus.

Título: *Gemeinsames Leben* (Vida em Comunhão).

Ano de publicação: 1938.

Base bíblica: Constantes referências a salmos, aos evangelhos e às cartas paulinas.

Outros autores citados: M. Lutero

Tema central: Jesus Cristo cria e mantém, intermedeia e organiza a comunhão entre cristãos/ãs, começando com os obreiros eclesiásticos, mas jamais restrita a eles.

Ênfase: b) Animar para a vida em comunhão é tarefa comunitária. Individualismo e elitização não só destroem a vida em comunhão; nem chegam a percebê-la.

Estruturação: Comunidade — Jesus Cristo — ética. “O outro é irmão de fato somente quando é um peso e não um objeto dominado.”

Teses sobre a Eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer

Albérico Baeske

1. A origem, a missão e o futuro da comunidade foram temas-chaves no labor teológico de Dietrich Bonhoeffer e o coração de sua existência cristã.

2. A comunidade é “a comunhão dos santos” chamados pelo próprio Deus. Nela Deus se revela e por meio dela carrega as pessoas. Por isso, Bonhoeffer também a denomina de “comunidade de Deus”.

3. Para Bonhoeffer, só aquelas pessoas que vivem na “comunidade de Deus” entendem o que ela é, ou seja: a) “Cristo presente” no mundo e b) tal qual ele mesmo, “estar aí para os outros”.

4. A partir dessa visão, Bonhoeffer criticou violentamente a Igreja Evangélica da Alemanha da sua época, devido à sua falta de discernimento em relação ao movimento hitlerista e à sua vacilação em relação aos “cristãos alemães” moderados. Ele quis inclusive sair dela e organizar congregações evangélicas livres do Estado, confessantes e defensoras das vítimas da ditadura.

5. Quem não faz parte da “comunidade de Deus”, a comunidade confessante que “grita em favor dos judeus”, se auto-exclui da salvação. E apenas os/as que vivem nela e lutam com ela a podem criticar.

6. Na medida em que Deus carrega as pessoas por meio de sua comunidade, elas são capacitadas não apenas para encarar o mundo secularizado, mas também para respeitá-lo, corresponder a ele, aprender dele e, bem por fim, influenciá-lo. A influência sobre o mundo secularizado acontece por meio da vida da “comunidade de Deus”. Através dela, Deus reclama o mundo para si mesmo.

7. Para que o mundo perceba isso, é necessário um refletor: “a comunidade de Deus”. Esse refletor só presta tal serviço ao mundo se for límpido.

8. A limpidez se dá quando a “comunidade de Deus”

— se congrega ao redor da Bíblia em mutirão;

— exercita a confissão e a absolvição dos pecados em particular;

— se deixa alimentar regularmente pela Ceia do Senhor;

— permanece na oração pessoal, comunitária e na intercessão mútua;

- pratica a disciplina fraternal e doutrinária, ficando nesta o peso decisivo;
- restringe a distribuição dos sacramentos e a ministração dos ofícios aos membros conscientes;
- sustenta, na pessoa dos seus membros, com suas ofertas voluntárias, as suas organizações e atividades;
- quando os obreiros da comunidade abrem mão do seu *status* de funcionários públicos, dispondo-se a viver das dádivas voluntárias das comunidades e/ou ganham a sua subsistência numa profissão paralela.

9. A limpidez acima referida, embora aconteça *intra muros ecclesiae*, está aí para que a “comunidade de Deus” seja *ecclesia extra muros suos*, isto é, “Igreja para os outros”, que “pega nos raios da roda” com todas as conseqüências que disso advêm para parar movimentos totalitários e desdobramentos históricos desumanos. Isso quer dizer que a ação da “comunidade de Deus” fora dos seus muros é política no sentido de pública, voltada criticamente para a sociedade vigente, lembrando a todas as pessoas — cristãs, pagãs e anticristãs — a sua condição de criaturas de Deus, resgatadas por Jesus Cristo e, como tais, responsáveis perante Deus e chamadas a fazer o que é “bom e justo” neste mundo.

10. Da limpidez da “comunidade de Deus” faz parte ainda a sua ecumenicidade. A Igreja é universal; uma Igreja territorial ou nacional é um contra-senso e dificilmente pode ser “Igreja para os outros”. As ameaças são universais e as vítimas dos totalitarismos estão em muitas partes. Por esse motivo a solidariedade e a amizade entre cristãos de todas as confissões são imperativas e têm de desembocar num “concílio evangélico” universal, o qual deveria analisar a situação e estabelecer quando a “comunidade de Deus” deve passar para a ação política direta.

11. Com essa convicção Bonhoeffer ficou isolado, inclusive na ala mais radical da Igreja Evangélica Confessante, da qual fez parte. Mas seguiu seu caminho sozinho e, após mais de um ano na prisão, resumiu sua posição da seguinte maneira:

A nossa Igreja lutou durante esses anos todos apenas por sua própria conservação, como se ela fosse um fim em si mesma. Assim ela se torna incapaz de ser para as pessoas e para o mundo a portadora da palavra (de Deus) que reconcilia e salva. Logo as suas palavras anteriores têm de ficar sem força e têm de se calar. O nosso ser cristão hoje consistirá tão-somente em duas coisas: no orar e no fazer aquilo que é justo entre as pessoas.

Sinais da Teologia e do Testemunho de Dietrich Bonhoeffer na América Latina¹³

Nélio Schneider

A teologia e a biografia de Dietrich Bonhoeffer não são desconhecidas no mundo eclesial e teológico latino-americano. Elas têm encontrado, em toda parte, pessoas interessadas em divulgar o seu significado e a sua relevância. Mostram-no as diversas publicações que aparecem aqui e ali pela passagem de datas importantes ou mais raramente por interesse pessoal do autor na teologia de Bonhoeffer¹⁴. Atestam-no também seminários e monografias¹⁵ sobre a sua teologia, realizados na Escola Superior de Teologia, e o próprio evento “Dia de Bonhoeffer”, que ora realizamos¹⁶.

Mas, para a maioria, certamente também do âmbito teológico acadêmico, Bonhoeffer, via de regra, parece ser um ilustre desconhecido; sabe-se algo sobre ele, sem que, no geral, se possa avaliar o alcance de seu testemunho e de sua teologia. Por isso não se pode afirmar que a teologia e a biografia de Bonhoeffer tenham tido presença marcante na vida eclesial e teológica de nosso continente; elas deixaram, mesmo assim, sinais visíveis de sua presença na vida e na teologia de muitas pessoas em nosso contexto.

Na exposição que se segue, procuro recolher alguns desses sinais espalhados pela América Latina e refletir sobre a importância da teologia e do testemunho de Bonhoeffer para nós. É claro que isso só será possível em forma de exemplos, sem a pretensão de abarcar o todo deste enunciado. Tendo colecionado durante alguns anos esses sinais da presença de Bonhoeffer entre nós, dou-me conta de que já nem são tão poucos assim. Nas andanças pela Europa descobri que não era o único que se dedicava a este *hobby*. Também Paul Gerhard Schoenborn coleciona tudo o que se escreve e fala sobre Bonhoeffer na América Latina, tendo sido possível uma ampla cooperação neste campo¹⁷. Já há, portanto, bastante material sobre o assunto, o que obriga a uma seleção de temas e pessoas.

Esta exposição¹⁸ está dividida em três partes: 1. Exemplos da presença da teologia e do testemunho de Bonhoeffer a nível da discussão teológica na América Latina; 2. Exemplos da presença da teologia e do testemunho de Bonhoeffer a nível biográfico; 3. Conclusão.

1. Presença a Nível de Discussão ou Formulação Teológicas

Neste ponto, gostaria de descrever resumidamente três exemplos: o grupo de teólogos que formou o ISAL (Iglesia y Sociedad en América Latina), a Igreja protestante cubana e algumas personalidades ligadas à teologia da libertação (Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino e Franz Hinkelammert)¹⁹.

1.1. Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL)

No início dos anos 60 reuniu-se um grupo de teólogos de igrejas protestantes da América Latina interessados em definir melhor a sua situação e o seu próprio lugar teológico no âmbito do continente americano. Intentavam fazê-lo por meio de um diálogo frutífero com a teologia de Dietrich Bonhoeffer. Este grupo denominou-se programaticamente de ISAL e era formado, entre outros, por Rubem Alves, José Míguez Bonino e Julio de Santa Ana. Em 1976, Julio de Santa Ana escreveu um artigo²⁰ descrevendo o processo por que passou o grupo e delineando seu objetivo da seguinte maneira:

a) Os teólogos do ISAL pretendiam superar o dualismo “Igreja-mundo” e chamar a atenção para o problema da secularização. Fundamentaram suas reflexões com as idéias de Bonhoeffer a respeito da maioria do mundo e da interpretação não-religiosa dos conceitos bíblicos. Isto os levou a um engajamento intenso na vida cultural, econômica e política de seus países e, assim, a um reconhecimento do aspecto “secular” do mundo; levou-os, enfim, a desistir da “hipótese de trabalho: Deus” e a elaborar uma teologia da história. Neste processo notaram que o conceito “mundo que chegou à maioria” não comporta o todo da realidade latino-americana, porque ritos e espiritualidade têm uma grande importância para a maioria da população. Constataram, porém, que estes não servem à libertação, mas geralmente à manipulação por parte das classes dominantes. Assim sendo, viram a sua tarefa de teólogos em promover a maioria do mundo como meio de superar o dualismo “Igreja-mundo” e como contribuição para a libertação das pessoas na América Latina.

b) Para definir a relação entre fé e ideologia, os teólogos do ISAL recorreram à diferenciação que Bonhoeffer faz entre penúltimo e último. A ideologia é vista como penúltimo e deve ser considerada a partir do último. “Se o último é a realidade plena da graça, então o penúltimo é representado pela preparação do caminho para a graça.”²¹ A partir disso resultam os seguintes critérios como possibilidade de compartilhar determinada ideologia: — o objetivo deve ser o encontro de Deus com a pessoa; — a participação deve ser crítica e fundamentada no diálogo, sem ser intolerante; — a razão de os cristãos buscarem um mundo novo não reside numa idéia geral da dignidade humana, mas na exigência do amor

de Deus; — pessoas cristãs devem combater uma ideologia que baseie sua estabilidade no poder, pois com este meio ela visa substituir o reino de Deus e Deus mesmo.

c) Em relação à questão do discipulado, em especial no que se refere à legitimidade do uso da força, os teólogos do ISAL chegaram à conclusão de “que não existem respostas unívocas para esses problemas, mas que eles devem ser resolvidos na luta diária pela fidelidade a Cristo, também em situações onde o mundo e a humanidade lhe negam um lugar”²². Desta maneira talvez até aconteça que, por causa de Cristo, a pessoa cristã tenha de assumir culpa por atos que cometer. Mas não é possível transformar isto numa regra teologicamente fundamentada. A pessoa se torna culpada, mas confiando na justificação do pecador por Cristo. Isto é claramente derivado das reflexões de Bonhoeffer sobre o risco do ato responsável perante Deus²³.

Para caracterizar o papel da teologia de Bonhoeffer nesse processo de reflexão dos teólogos do ISAL, Julio de Santa Ana emprega o termo “*maieutico*”²⁴, isto é, a teologia de Bonhoeffer teve um papel de parteira de novos horizontes teológicos, o que aproximou o ISAL dos teólogos da libertação.

1.2. O Protestantismo Cubano

Também se pode falar, nos mesmos termos, do surgimento de uma nova teologia protestante em Cuba no fim da década de 70. Trata-se do trabalho dos teólogos presbiterianos reformados Sérgio Arce Martinez, Adolfo Ham Reyes e Carlos Camps Cruell, para os quais as cartas da prisão de Bonhoeffer têm um papel fundamental²⁵. Menciono aqui as seguintes palavras-chave: — o “*ser-para-os-outros*” como definição da existência cristã e eclesial; — organização da vida e formulação da teologia sem a hipótese de trabalho “*Deus*”; — desistência de privilégios tanto no âmbito pessoal como eclesial; — a reflexão teológica deve estar a serviço da prática teológica; — a “*interpretação não-religiosa de conceitos bíblicos*” como ponto de partida para uma aproximação ideológica entre cristãos e marxistas; — fundamentação cristológica para a preocupação cristã com a ação responsável neste mundo e com a preservação da natureza; — a vida e a morte de Bonhoeffer na resistência contra o regime nazista como exemplo de vida cristã. Sergio A. Martinez teve participação importante na formulação de um “*credo não-religioso*”, a assim chamada “*Confessio Cubana*”²⁶, onde reaparecem muitos dos pontos mencionados acima.

O ISAL e o protestantismo cubano, representado pelos teólogos acima mencionados, são exemplos de uma influência direta e consciente da teologia e do testemunho de Bonhoeffer sobre segmentos da Igreja na América Latina. No caso, ambos os segmentos também têm muita afinidade teológica com a teologia da libertação latino-americana.

1.3. Alguns Teólogos Alinhados com a Proposta da Libertação

Neste ponto seria exagero falar de uma influência de Bonhoeffer sobre teólogos da libertação ou até mesmo afirmar o papel “maieutico” de sua teologia e de seu testemunho. Mas podemos pressupor que, em geral, Bonhoeffer é conhecido e sua teologia é levada em conta. Podemos constatar, por vezes, pontos de contato, onde se evidencia a importância de alguns aspectos da teologia de Bonhoeffer num dado contexto histórico ou no contexto de uma discussão específica. Gostaria de abordar brevemente três exemplos: Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino e Franz Hinkelammert. Penso que estes nomes são familiares.

a) *Gustavo Gutiérrez*, considerado um dos pioneiros da teologia da libertação, valorizou muito a teologia de Bonhoeffer, mas fez a ela também uma crítica fundamental. Ele escreveu um artigo, publicado na revista *Concilium* em maio de 1979 (depois republicado no livro *A Força Histórica do Pobres*, de 1982), que traz o título “Os Limites da Teologia Moderna: um Texto de Bonhoeffer”²⁷. Ele pensa que, do ponto de vista da teologia burguesa, a teologia de Bonhoeffer foi uma tentativa grandiosa de responder aos desafios da época moderna. Sua crítica é que Bonhoeffer teria ficado preso ao mundo burguês. Por isso ele não teria reconhecido a tarefa de questionar justamente esta realidade burguesa no que diz respeito ao seu fundamento ideológico, social e econômico. Nas palavras do próprio Gutiérrez:

Mas a sua própria tentativa, possivelmente o maior esforço realizado por esse tipo de teologia, nos permite apalpar os limites de um caminho que, respondendo aos desafios do mundo moderno, não o critica em sua base econômica e em seus níveis social e ideológico. Com efeito, como o veremos, não pode haver uma verdadeira superação da mentalidade moderna e burguesa, quando permanecemos no seu próprio interior. É isso o que parece nos dizer o testemunho de Bonhoeffer — e talvez ele próprio tenha chegado a vislumbrá-lo mais ou menos explicitamente.²⁸

Bonhoeffer mesmo teria intuído o seu limite e, às vezes, até chegado a visualizar a causa dos pobres e oprimidos, mas não teria tido tempo de colocá-la como ponto central do seu discurso teológico. Sua visão estava voltada mais para os desafios prementes do seu tempo. A falta de uma análise mais programática da sociedade teria impedido que ele aprofundasse a sua descoberta intuitiva de uma “perspectiva de baixo”²⁹. Assim, o tema central do discurso teológico da libertação aparece marginalmente como descoberta intuitiva³⁰. Gutiérrez faz, assim, uma crítica relativa à perspectiva teológica de Bonhoeffer. Ele reconhece, ao menos, que Bonhoeffer estava no caminho certo. A teologia da libertação representaria, assim, justamente o aprofundamento de que a descoberta intuitiva de Bonhoeffer necessitava³¹. Em todo caso, há uma afinidade muito grande entre a perspectiva a que Bonhoeffer chegou intuitivamente e a perspectiva central da abordagem de Gutiérrez.

b) *Jon Sobrino*, por seu turno, acolhe positivamente na sua *Cristologia a partir da América Latina*³² alguns aspectos da teologia de Bonhoeffer. Na obra mencionada, Sobrino faz um ajuste de contas com o pensamento grego metafísico e, assim, com a cristologia européia tradicional e procura desenvolver uma cristologia a partir de pressupostos latino-americanos. Nessa empreitada, Sobrino recorre a um pensamento central da cristologia de Bonhoeffer: “Somente o Deus sofredor pode ajudar”³³. A idéia de um Deus que sofre e morre anula todas as idéias humanas de Deus e demonstra a insuficiência da concepção grega de Deus, que consiste na idéia de um ser metafísico perfeito. Os efeitos desse tipo de pensamento estão presentes até hoje na teologia tradicional. A ele Sobrino contrapõe o falar bíblico sobre Deus: a Bíblia fala de um Deus que sofre. Sobrino exige de uma teologia no contexto da libertação que ela conceba o sofrimento como uma característica de Deus. Esta imagem de Deus, revelada a nós por ele mesmo, questiona primeiro nossas imagens de Deus e então nos capacita para reconhecermos a verdadeira face de Deus no sofrimento do mundo, no sofrimento dos pobres e excluídos. No fundo não se trata mais de conhecimento de Deus, mas de uma postura em relação a Deus. Sobrino esclarece este pensamento por meio da citação da poesia de Bonhoeffer intitulada “Cristãos e Pagãos”³⁴. Com isso, Sobrino polemiza contra a possibilidade de um conhecimento natural de Deus. Segundo ele, o conhecimento de Deus só se torna possível com um envolvimento existencial com Deus que resulta da revelação de Deus naquela pessoa que sofre. Ser atingido pela revelação de Deus provoca uma nova postura diante dele, a qual é mediada de modo privilegiado pela cruz real dos oprimidos³⁵.

Além disso, Sobrino ainda acolhe positivamente em sua cristologia mais dois pensamentos de Bonhoeffer. A certa altura ele liga as suas afirmações sobre a reconciliação como um caminho radicalmente novo com base na cruz de Cristo com a afirmação sobre o preço da reconciliação, visando escapar do perigo de um barateamento da graça. À guisa de esclarecimento e fundamentação, Sobrino cita as exposições de Bonhoeffer sobre a graça cara e barata no início do *Discipulado*³⁶.

Por fim, no contexto de suas exposições sobre o Jesus histórico, Sobrino sublinha a afirmação de Bonhoeffer sobre o Jesus histórico como “ser humano para os outros”³⁷. Se Jesus foi o ser humano para os outros, então não podemos nos contentar com o Jesus da fé, mas temos de ver como a pessoa histórica concreta Jesus compreendeu a sua tarefa na história³⁸. Assim como Gutiérrez, também Sobrino sente aqui que Bonhoeffer não chegou a desenvolver esta questão, mas ficou no enunciado geral da mesma. De acordo com Sobrino, só é possível compreender a figura de Jesus no seguimento³⁹.

Resumindo: também Sobrino valoriza a teologia de Bonhoeffer, tanto é que, em passagens centrais de seu próprio discurso, usa aspectos da teologia de Bonhoeffer como fundamentação. Reconhece também a limitação da teologia de Bonhoeffer no que tange à sua possibilidade de concretização histórica⁴⁰.

c) *Franz Hinkelammert* proferiu uma palestra sobre Bonhoeffer numa conferência cujo objetivo era estabelecer um diálogo entre o pensamento teológico de teólogos alemães e teólogos latino-americanos. Uma série de conferências com este objetivo foi promovida, de agosto a outubro de 1988, pelo Departamento Ecumênico de Investigaciones (DEI), da Costa Rica. A palestra de Hinkelammert traz o título “La Critica de la Religion en Nombre del Cristianismo: Dietrich Bonhoeffer”⁴¹. Em 20 páginas, Hinkelammert faz um apanhado bastante amplo da teologia e do testemunho de Bonhoeffer, com destaque especial para a relação entre Jesus, a Igreja e o mundo. Hinkelammert desenvolve em especial a crítica eclesiológica de Bonhoeffer com abundância de citações. Por fim, destaca os elementos comuns existentes entre a teologia de Bonhoeffer e a teologia latino-americana da libertação.

A crítica ao Deus metafísico leva à crítica da religiosidade privatizante, a qual é uma religiosidade que deixa o mundo entregue às suas próprias leis, nas quais Deus não intervém. Ele, porém, não torna a estabelecer uma ética externa à sociedade em nome de Deus, mas chega à definição de um lugar ético no interior do mundo a partir do qual toda a ética vigente é julgada. Este lugar é o abandonado de Deus, o fraco. Na teologia latino-americana da libertação é o pobre.⁴²

Mas por aí param as afinidades. Ouçamos mais uma vez Hinkelammert:

(...) estes paralelismos não devem ser tomados precipitadamente como coincidências. Bonhoeffer chega ao umbral do que será a teologia da libertação, sem chegar a ela. A posição em favor do fraco não é opção pelo pobre, e a libertação que ele enfoca é a libertação de um despotismo político, e nem lhe ocorre estendê-la à opressão e exploração econômica e social. Mas, além disso, ele não tematiza explicitamente em sua teologia nem mesmo essa libertação do despotismo nazista. Pede uma teologia num mundo que atingiu a maioria, entretanto não consegue nem mesmo esboçá-la. Todo o seu pensamento continua sendo no fundo estritamente eclesial e contém a separação do mundo em um mundo de Igreja e outro profano, mesmo que fale contra ela. Por isso, não há nem uma análise superficial do nazismo do seu tempo. Ele não fala disso. Fala da Igreja no mundo e para o mundo, mas nada diz sobre este mundo.⁴³

Por não ter conseguido ir além de seus limites burgueses, Bonhoeffer não teria sido conseqüente em sua crítica à religião. Ele não se teria dado conta de que a religião mais espantosa do seu tempo estava justamente fora da Igreja. “Bonhoeffer fecha completamente os olhos diante do fato de que o próprio nazismo é explicitamente uma religião.”⁴⁴ Faltou, portanto, a crítica da idolatria, conceito tão importante para Hinkelammert e a teologia da libertação.

Apesar de crítica tão contundente, Hinkelammert finaliza com o reconhecimento dos méritos da teologia de Bonhoeffer: “Sem nenhuma dúvida, a teologia de Bonhoeffer é um antecedente importante para o próprio surgimento da teologia da libertação, que foi enriquecida por ela.”⁴⁵ Mas o mérito de Bonhoeffer vai além de sua teologia e de seus escritos. “Foi um grande testemunho que no final

terminou em martírio. Também isso tem em comum com tantos mártires na América Latina.”⁴⁶

2. Presença da Teologia e do Testemunho de Bonhoeffer a Nível Biográfico e Autobiográfico

Mais do que sua teologia, foi o testemunho engajado de Bonhoeffer, cuja consequência final foi o martírio a 9 de abril de 1945, no campo de concentração de Flössenburg, que tocou e atraiu pessoas interessadas em conhecê-lo. Por isso, a teologia e o testemunho da vida de Bonhoeffer marcaram muito mais gente do que literariamente se pode demonstrar. Mas há alguns sinais literários de uma influência de Bonhoeffer a nível biográfico. Exemplifico brevemente, citando alguns nomes e a referência para aprofundamento.

a) Em primeiro lugar cabe citar o tradutor de Bonhoeffer para o português, um professor alemão de origem judaica que foi obrigado a abandonar a Alemanha com a ascensão de Hitler ao poder: Ernesto J. Bernhoeft. Em 1966 ele publicou uma biografia de Bonhoeffer intitulada *No Caminho para a Liberdade*⁴⁷, onde relata, nas p. 16-18 (“Como descobri Dietrich Bonhoeffer”), sua experiência com o testemunho e a teologia dele. Relata que não conhecia nada de Bonhoeffer no tempo em que esteve na Alemanha e que veio a tomar contato com a sua vida e teologia somente no Brasil, tornando-se um entusiasmado divulgador da vida e obra do pastor, teólogo e mártir alemão. Além de escrever a biografia de Bonhoeffer, Bernhoeft traduziu *Tentação e Resistência e Submissão*⁴⁸.

b) Seja mencionado de passagem Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto, pela analogia de suas “Cartas da Prisão”⁴⁹ com as cartas de Bonhoeffer publicadas em *Resistência e Submissão*. Frei Betto conhecia a vida e a teologia de Bonhoeffer; isto fica claro por uma menção nominal de Bonhoeffer nas suas cartas⁵⁰ e por reflexões que se aproximam muito do pensamento do próprio Bonhoeffer⁵¹.

c) Segundo Julio de Santa Ana, Bonhoeffer exerceu grande influência também sobre o líder guerrilheiro boliviano Nestor Paz Zamora, perseguido e morto em 1970⁵².

d) Paul Gerhard Schoenborn relata sobre o pastor batista nicaragüense Miguel Torres, que deu seu testemunho no 20. *Deutscher Evangelischer Kirchentag* (20º Dia da Igreja Evangélica da Alemanha), em Hannover, no ano de 1983, falando de como foi influenciado pela vida e obra de Dietrich Bonhoeffer⁵³.

e) Por fim, gostaria de mencionar gente da casa, que conta da importância do estudo da teologia e da vida de Bonhoeffer para a formação de sua própria teologia: Arteno Spellmeier (a quem se pode perguntar sobre o assunto), Richard Wangen (membro engajado do Comitê Internacional de Bonhoeffer), Joachim Fischer⁵⁴, Ervino Schmidt⁵⁵. Aqui me seja permitida também uma breve observa-

ção autobiográfica: em 1982 foi realizado um seminário sobre a teologia e a vida de Dietrich Bonhoeffer no então Curso de Aprofundamento Teológico (CAT), da Faculdade de Teologia, assessorado pelo P. Sílvio Meincke. A partir deste seminário comecei a me interessar pelo assunto e o estudo mais aprofundado do mesmo contribuiu muito para o meu próprio desenvolvimento teológico.

3. À Guisa de Conclusão

A teologia e o testemunho de Bonhoeffer são conhecidos na América Latina: este conhecimento vai desde uma influência direta na formulação teológica até uma noção mais superficial a respeito do seu testemunho, passando por uma recepção crítica na teologia da libertação.

A respeito dessa recepção crítica se faz necessária uma palavra atualizadora. Muitos conceitos mudaram ou estão mudando na atualidade. A crítica feita a Bonhoeffer por parte de Gutiérrez e repetida por Sobrino e Hinkelammert, a saber, de que ele teria ficado preso ao pensamento burguês, deve ser encarada com certa reserva. A categoria “burguês” é muito vaga e talvez possa ser aplicada à teologia escrita de Bonhoeffer; porém não mais é válida para caracterizar o seu testemunho. Pois qual é o “burguês” ou a teologia “burguesa” que fundamentaria teologicamente a sua palavra e ação com a concepção do Deus sofredor? Os tempos e acontecimentos pós-queda do Muro de Berlim relativizaram, também para a teologia da libertação, as categorias marxistas de análise da realidade (certamente não relativizaram a causa da libertação). A crítica feita ao discurso “puramente” teológico de Bonhoeffer, baseada nos instrumentos de análise sócio-econômica, perde, assim, credibilidade. Podemos ir mais longe: o falar teológico de Bonhoeffer tem o seu núcleo na cristologia do Cristo presente no centro do mundo como incondicionalmente solidário com a pessoa sofredora e adquire relevância e coerência a partir do seu exemplo de engajamento político e do seu martírio. O discurso teológico de Bonhoeffer volta-se hoje criticamente contra o discurso libertacionista da “opção pelos pobres”, da divisão das pessoas em classes e da idéia de engajamento como *construção* do reino de Deus. O falar teológico de Bonhoeffer preserva o seu sentido para além das categorias de análise social com que foi criticado.

Restrinjo-me a dois destaques:

* “Somente quem crê é obediente, somente o obediente crê.”⁵⁶ Isto significa obediência incondicional à palavra, ao mandamento de Deus, que é o Deus que se tornou humano, Jesus. O seguidor é radicalmente unido a Cristo, de modo que nada mais pode fazer sem a mediação de Cristo. Essa radicalidade do seguimento até a última conseqüência e a incondicionalidade da obediência exigida não excluem, mas exigem a ação responsável da pessoa cristã dentro do seu respectivo contexto vivencial.

* Como deve ser, a nível de Igreja, essa ação responsável? Seguindo o exemplo da encarnação de Deus em Cristo, a Igreja deve hoje *tomar partido*. Bonhoeffer se volta sempre contra a cautela que pesa os prós e contras, contra as frases de validade universal e contra princípios dentro da Igreja. “A Igreja deve poder falar a palavra de Deus, uma palavra de autoridade, aqui e agora a partir de conhecimento de causa, da forma mais concreta, senão ela fala outra coisa, algo humano, uma palavra de impotência. Portanto, a Igreja não deve proclamar princípios que sempre são verdadeiros, mas somente mandamentos que são válidos hoje. Pois o que é verdadeiro sempre, justamente hoje não é verdadeiro. Deus é para nós sempre e justamente hoje Deus.”⁵⁷ Com uma postura aparentemente equilibrada, “neutra”, a Igreja se dispensa do discipulado. Ela é chamada a assumir o risco da ação responsável. É chamada a tomar partido. Note-se que tomar partido é diferente de fazer uma opção. Fazer uma opção não nos envolve necessariamente de modo direto e incondicional com o objeto da opção tomada; tomar partido exige uma ação solidária visível e incondicional por parte de quem o faz, devendo haver um movimento conseqüente que não permite dúvidas quanto à escolha feita. Tomar partido implica pôr-se concretamente ao lado de alguém e lutar pela mesma causa.

Mas o que significa isso? Por quem a Igreja deve tomar partido?

“A Igreja tem um compromisso incondicional com as vítimas de qualquer ordem social, mesmo que não pertençam à comunidade cristã.”⁵⁸ É interessante que atualmente também os teólogos da libertação já usam categorias mais abertas para descrever o lugar concreto da revelação de Deus neste mundo; em lugar de “pobre”, “explorado”, usa-se o termo “excluído”. Este conceito se aplica a pessoas que sofrem exclusão em todos os níveis e classes da sociedade. É, portanto, um conceito parecido com “vítimas”, ou, como fala Bonhoeffer: “descartados, suspeitos, maltratados, impotentes, oprimidos e escarnecidos, em suma os sofredores”⁵⁹. Essas categorias podem englobar “os famintos”, “sedentos”, “doentes”, “cegos”, “coxos” e muitos mais, e afinam a nossa sensibilidade para o sofrimento mais abrangente de toda a criação de Deus. Pois quem é vítima da atual ordem social? Seriam só os pobres? E quem, na prática, são os pobres? Nunca foi fácil responder a esta pergunta. As vítimas são mais numerosas e não se restringem ao gênero humano, mas englobam inclusive animais, vegetais e o reino chamado “mineral” (água, ar, solo). Portanto, a luta por uma árvore pode ser a luta pela vida da própria árvore e de muitas outras “vítimas”, criaturas que dela dependem e que irão sofrer por causa de sua ausência. O que nos parecia ser apenas uma opção na verdade foi *um tomar partido, um colocar-se ao lado* por parte de Deus em Jesus Cristo (Jo 1.14). Não se espera menos de nós, Igreja de Jesus Cristo neste mundo, sua seguidora fiel (até a morte?), pois nós somos a forma como Jesus Cristo existe hoje.

Notas

- 1 Ernesto J. BERNHOEFT, *No Caminho para a Liberdade*; Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1965.
- 2 Dietrich BONHOEFFER, *Resistência e Submissão*, 2. ed., São Leopoldo, Sinodal; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- 3 ID., *Tentação*, Porto Alegre, Metrópole, 1968.
- 4 Citado, com algumas correções no texto, conforme o *Cancioneiro da Pastoral Popular Luterana*, Palmitos, PPL, 1990, p. 28. O texto do cancionário baseia-se na tradução feita por Ernesto Bernhoeft em *Resistência e Submissão*, p. 196-197. No cancionário, a última estrofe da poesia original transforma-se no estribilho, as estrofes 1 a 4 correspondem às estrofes 1 a 4 no original e a estrofe 5 corresponde à estrofe 6 no original. Não aparece no cancionário a quinta estrofe da poesia original: “Deixa que estas velas que chamejam / um bom sinal de ti, nas trevas, sejam. / Permite que mais uma vez nos encontremos. / Pois tua luz brilha à noite, bem sabemos.”
- 5 Texto conforme a tradução de Bernhoeft em *Resistência e Submissão*, p. 173-174.
- 6 Tradução de autoria de Nélio Schneider, alternativa à de E. Bernhoeft em *Resistência e Submissão*, p. 176-177. Nesta o tradutor não mantém o paralelismo da construção poética e, especialmente na terceira estrofe, modifica o sentido do texto original.
- 7 Texto baseado na tradução de Bernhoeft em *Resistência e Submissão*, p. 179-180. Foram feitas algumas adequações para melhor corresponder ao sentido original da poesia.
- 8 Texto inédito em português. Tradução de Nélio Schneider. Original: Dietrich BONHOEFFER, *Bonhoeffer-Auswahl*; Band 4; Konsequenzen 1939-1944, Hamburg, Siebenstern, 1970, p. 179-184.
- 9 Texto inédito em português. Tradução de Nélio Schneider. Original: Dietrich BONHOEFFER, *Widerstand und Ergebung*, 3. ed., München, Chr. Kaiser, 1985, p. 383-389.
- 10 Ernesto Johannes Bernhoeft nasceu em 1917 em Güstrow, Mecklenburg (Alemanha). Por ser de descendência judaica, deixou a Alemanha em 1936 e veio para o Brasil. Formou-se no Seminário para professores do Sínodo Luterano e atuou em diversas escolas evangélicas (Porto União, Hamburgo Velho, etc.). Quis tornar-se pastor da Igreja Luterana, mas não foi aceito. Tornou-se, então, pastor anglicano e atuou em diversas comunidades da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Vive atualmente como pastor aposentado em Brasília/DF. É autor da já mencionada biografia de Bonhoeffer (nota 1), bem como de um texto poético com o qual introduz a tradução de *Resistência e Submissão* (nota 2, p. 1-10).
- 11 Texto original em alemão. Tradução de N. Schneider. (Originais em poder do tradutor.)
- 12 Eberhard BETHGE, *Dietrich Bonhoeffer*; Theologe — Christ — Zeitgenosse, München, Chr. Kaiser, 1986.
- 13 Texto retrabalhado de palestra proferida no “Dia de Bonhoeffer”, promovido pelo Departamento de Promoções Especiais da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, em 5 de abril de 1995.
- 14 Ervino SCHMIDT, Um Encontro com Dietrich Bonhoeffer, *Contexto Pastoral*, Campinas/Rio de Janeiro, III(13):11, abril de 1993; Joachim FISCHER, Dietrich Bonhoeffer: um Mártir Evangélico, in: Heinz EHLERT et al., eds., *Anuário Evangélico 1995*, São Leopoldo, Sinodal, 1994, p. 51-52; Memória; Tributo ao Teólogo da Resistência Ativa, *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, (6):1, 16-30/04/1995; Christof WARNKE, Dietrich Bonhoeffer; Glauben — denken — leben, *Der Weg*, Blumenau, XI(4):1654, 04/1995 (= *Evangelische Zeitung*, São Leopoldo CVII(6):4, 16-30/04/1995); Prócoro VELÁSQUES FILHO, *Uma Ética para Nossos Dias*; Origem e Evolução do Pensamento Ético de Dietrich Bonhoeffer, São Bernardo do Campo, Editeo, 1977, 95 p.; o grande nome da divulgação de Bonhoeffer no Brasil é Ernesto Johannes Bernhoeft, que traduziu para o português *Resistência e Submissão*, São Leopoldo, Sinodal; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968 (2. ed. 1980),

- e *Tentação*, Porto Alegre, Metrópole, 1968. No ano de 1966 ele publicou uma biografia de Bonhoeffer com o título *No Caminho para a Liberdade*; Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1966, 120 p. O prefácio para esta biografia foi escrito por E. Bethge, com quem Bernhoeft mantinha correspondência.
- 15 João A. Müller da SILVA, A Contribuição de Bonhoeffer para a Fé no Contexto da Secularização, Trab. semestral EST, 1975, 51 p.; Edson MEYER, Dietrich Bonhoeffer e o Centro de Sua Vida e Obra: o Jesus Cristo Vivo, o Encarnado, Crucificado e Ressuscitado, Trab. semestral EST, 1988, 75 p.; Thomas GAISER, A Compreensão Eclesiológica de Dietrich Bonhoeffer a partir de *Sanctorum Communio*, Trab. semestral EST, 1989, 44 p.; Rolf BAADE, O Itinerário do Pensamento Ético de Dietrich Bonhoeffer, Trab. semestral EST, 1993, 54 p.
- 16 Veja as recentes publicações do ISEDET.
- 17 Cf. Paul Gerhard SCHOENBORN, Bonhoeffer in Lateinamerika; Beziehungen zwischen Dietrich Bonhoeffer und Christen und Theologie in Lateinamerika — ein Werkstattbericht, in: Hermann de BUHR et al., eds., *Die evangelische Kirche im Spannungsfeld von Staat und Gesellschaft*, p. 395-446 (também publicado na *Festschrift Günther van Norden* e como encarte especial da revista *Transparent*, Essen, 7[32]:1-32, dez. 1993).
- 18 Trata-se de uma versão reduzida e adaptada de artigo publicado em língua alemã: Nélio SCHNEIDER, *Präsenz Bonhoefferscher Theologie in Lateinamerika*, in: Ulrich SCHOENBORN, ed., *Nachfolge Jesu; Wege der Befreiung*; Evangelisch-lutherische Kirche in Brasilien, Mettingen, Brasilienkunde-Verlag, 1989, p. 152-161.
- 19 Desconheço contribuições sobre Bonhoeffer no âmbito da teologia evangelical latino-americana.
- 20 Julio de SANTA ANA, Der Einfluss Bonhoeffers auf die Theologie der Befreiung, *Zeichen der Zeit*, Berlin, (30):380-387, 1976.
- 21 ID., *ibid.*, p. 384.
- 22 *Ibid.*, p. 386.
- 23 Cf. Dietrich BONHOEFFER, *Resistência e Submissão*, p. 18-19; ID., *Ética*, São Leopoldo, Sinodal, 1991, p. 125-145.
- 24 Julio de SANTA ANA, *op. cit.*, p. 380, nota 6.
- 25 Carl-Jürgen KALTENBORN, Dietrich Bonhoeffer in der protestantischen Theologie Cubas, in: Dietrich Bonhoeffer und die Kirche in der modernen Welt; Texte einer Konferenz der Internationalen Bonhoeffer-Gesellschaft in Oxford 1980, *epd-Dokumentation*, (2/3):99ss., 1981; cf. SCHOENBORN, *op. cit.*, p. 413ss.
- 26 Texto em Konrad STOCK, ed., *Cubanisches Glaubensbekenntnis*; Einführung, Text, Interpretation, München/Mainz, 1980.
- 27 Gustavo GUTIÉRREZ, *A Força Histórica dos Pobres*, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 314-328.
- 28 ID., *ibid.* p. 316.
- 29 Dietrich BONHOEFFER, *Widerstand und Ergebung*, p. 27.
- 30 G. GUTIÉRREZ, *op. cit.*, p. 328.
- 31 Esta é a posição de P.-G. SCHOENBORN, *op. cit.*, p. 425s.
- 32 Jon SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina*; Esboço a partir do Seguimento do Jesus Histórico, Petrópolis, Vozes, 1983.
- 33 Dietrich BONHOEFFER, *Resistência e Submissão*, p. 173; citado por SOBRINO, *op. cit.*, p. 207.
- 34 D. BONHOEFFER, *ibid.*, p. 176-177; citado por Jon SOBRINO, *ibid.*, p. 232.
- 35 Cf. D. BONHOEFFER, *ibid.*, p. 173, 175-176.
- 36 Jon SOBRINO, *op. cit.*, p. 273-274.

- 37 D. BONHOEFFER, *Widerstand und Ergebung*, p. 185.
- 38 Jon SOBRINO, op. cit., p. 284.
- 39 ID., *ibid.*
- 40 Cf. também Jon SOBRINO, *Jesús en América Latina*; Su Significado para la Fe y la Cristología, Santander, Salterrae, 1982, p. 55, nota 56, e p. 119.
- 41 In: F. HINKELAMMERT et al., *Teología Alemana y Teología Latinoamericana de la Liberación*, San José, DEI, 1990, p. 45-65.
- 42 ID., *ibid.*, p. 60.
- 43 *Ibid.*, p. 61.
- 44 *Ibid.*, p. 63.
- 45 *Ibid.*, p. 64.
- 46 *Ibid.*, p. 65.
- 47 Ernesto J. BERNHOEFT, *No Caminho para a Liberdade*; Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1966, 120 p.
- 48 Na edição de *Resistência e Submissão*, Bernhoeft publicou um prefácio poético-biográfico que retrata toda a sua admiração pela vida e obra de Bonhoeffer (p. 1-10); cf. também P.-G. SCHOENBORN, op. cit., p. 398-399.
- 49 FREI BETTO, *Das Catacumbas*; Cartas da Prisão 1969-1971, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978; —, *Cartas da Prisão*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977; —, *Cartas do Cárcere 1973*, polígrafo datilografado.
- 50 ID., *Das Catacumbas*, p. 42s.
- 51 Cf. mais detalhes em P.-G. SCHOENBORN, op. cit., p. 399-404.
- 52 Julio de SANTA ANA, Beispiel für den Widerstand — Bonhoeffers Wirkung in Lateinamerika, *Evangelische Kommentare*, (12):646-649, 1979.
- 53 Cf. P.-G. SCHOENBORN, op. cit., p. 404s.
- 54 V. nota 14.
- 55 V. nota 14.
- 56 Dietrich BONHOEFFER, *Discipulado*, São Leopoldo, Sinodal, 1980, p. 25.
- 57 ID., *Gesammelte Schriften*; Band I: Ökumene — Briefe, Dokumente, Aufsätze 1928-1942, München, Chr. Kaiser, 1978, p. 145.
- 58 ID., *Gesammelte Schriften*; Band II, München, Chr. Kaiser, 1978, p. 48.
- 59 ID., *Widerstand und Ergebung*, p. 27.